



AS FLAGRANTES CONTRADIÇÕES ENTRE DOCTRINA E PRÁTICA NO CONTO FREI GENEPRO, DE EÇA DE QUEIROZ

The flagrant contradictions between doctrine and practice in the tale Frei Genebro, by Eça de Queiroz

Antônio Francimar da Silva Lima*



* Bacharel em Teologia pelo Seminário Batista do Cariri em 2001 e pela Universidade Metodista de São Paulo em 2016, graduado em Letras pela Universidade do Pernambuco em 2015, Especialização em Literatura Comparada pela Universidade Dom Bosco em 2015, e Mestrado em Literatura Comparada em 2019 pela Universidade Federal do Ceará.

RESUMO:

O conto queirosiano reflete o paradoxo entre boas e más obras praticadas no âmbito cristão. Frei Genebro é o ator do conto e se manifesta como uma personagem complexa que se metamorfoseia ao longo do texto, ora praticando obras de caridade cristã ora agindo como um possuído pelo demônio. A natureza e a cidade são construídas no conto a partir de uma visão idílica para reforçar a personalidade disfarçada do santo Frei, e tentar enganar o leitor a não enxergar claramente quem é o verdadeiro Genebro. O conto se revela abaixo da superfície, e lá apresenta a verdade sobre religião, boas obras e justiça divina.

PALAVRAS-CHAVES: Frei Genebro, Eça de Queirós, Conto, Religião, Desfaçatez, Personagem.

ABSTRACT:

The Queirosian tale reflects the paradox between good and bad works practiced in the Christian realm. Frei Genebro is the actor of the story and manifests itself as a complex character that metamorphoses throughout the text, sometimes practicing works of Christian charity and acting as one possessed by the devil. Nature and the city are built on the tale from an idyllic vision to reinforce the disguised personality of the Holy Friar, and try to deceive the reader not to see clearly who the true Genebro is. The tale reveals itself below the surface, and there it presents the truth about religion, good works, and divine justice.

KEY WORDS: Frei Genebro, Eça de Queirós, Tale, Religion, Impudence, Character

INTRODUÇÃO

Uma pessoa religiosa sempre causa admiração. Os feitos e palavras de um “santo” trazem serenidade e paz aos que veem e ouvem; pelo menos é essa impressão que a igreja quis que tivéssemos dos seus santos. O conto de Eça de Queirós, *Frei Genebro*, revela essa estupefação ante a santidade de dois heróis católicos, São Francisco de Assis e outro mais santo ainda, Frei Genebro. Contudo, as obras do Frei não se coadunam às suas práticas, visto que Genebro é capaz de obras hercúleas em nome de Deus, e ao mesmo tempo operar obras diabólicas. Harmonizar a vida e a doutrina não é uma tarefa fácil, pois a religião tem um potencial de esconder as reais intenções dos homens e manifestar ao som de trombetas as obras mortas dos “piedosos”.

O artigo se dividirá em três partes, sendo a primeira uma análise do tempo e espaço no conto, os quais são desenhados pelo autor para iludir o leitor e criar nele a paisagem idílica e bucólica típica dos lugares celestes onde os santos costumam atuar. A segunda parte trata das personagens do conto, sobretudo, a imagem do Frei Genebro que oscila entre santo e demônio. Por fim, será feito um apanhado da teoria da ponta do iceberg de Hemingway para demonstrar a construção do conto como uma história alicerçada mais no não-dito do que no explícito, e revelar a verdade por trás de Frei Genebro.

1 – TEMPO E ESPAÇO COMO ARTIMANHA DE ENGANO E ILUSÃO PARA O LEITOR

O espaço do conto, segundo Massaud Moisés, é sempre restrito. Portanto, a “unidade de ação corresponde a unidade de espaço” (MOISÉS, 1967, p. 17), sendo assim, o autor que não seguir a limitação do espaço, incorre em uma de duas opções, ou ele pretende fugir de sua condição de conto ou o deslocamento do espaço serve para realçar o conflito e preparar a cena em que os pormenores darão valor a cena. No conto *Frei Genebro*, o espaço ocupa a segunda categoria de Moisés, já que se passa (subentende-se) no mosteiro, nas coortes, vilarejos, presídios, no campo aberta onde os porcos são (des)protegidos, na cela do Frei Egídio e não somente em um único ambiente. No entanto, todos os espaços projetados são ilusórios, ou seja, servem ao propósito de

ajudar a compor o personagem Frei Genebro de tal maneira que ele pareça um santo medieval.

O conto já inicia tentando conduzir o leitor para uma ilusão relacionada ao tempo dos santos, ao dizer que essa história se passa em uma época em que “vivia, na sua solidão das montanhas da Úmbria, o divino Francisco de Assis” (QUEIROS, 2002, p. 2), o que remete a um tempo de pureza e castidade cristãs. São Francisco é um Santo canonizado pela Igreja Católica que tinha a virtude de defender a natureza – o espaço em que transcorre as cenas do conto. Logo em seguida, o espaço bucólico é usado para retratar uma alma pura (mais santa que Francisco de Assis) que vivia em constante limpeza do espírito:

Pela abundância e perpetuidade da Oração, ele arrancava da sua alma as raízes mais miúdas do Pecado, e tornava-a limpa e cândida como um desses celestes jardins em que o solo anda regado pelo Senhor, e onde só podem brotar açucenas. (p. 2)

A alma do Frei Genebro é como um desses celestes jardins em que o solo anda regado pelo Senhor, uma clara referência ao jardim do Éden, lugar concebido, na Bíblia, sem pecado, onde se lê:

E plantou o Senhor Deus um jardim no Éden... Do solo fez o Senhor Deus brotar toda sorte de árvores agradáveis à vista e boas para alimento... E saía um rio do Éden para regar o jardim... tomou, pois, o Senhor Deus ao homem e o colocou no jardim do Éden para o cultivar e o guardar (BÍBLIA, 2009, Genesis 2:7-10, 15)

O tempo do Frei Genebro é dito ainda ser:

Nessas idades [*em que*] os anjos ainda viajavam na terra, com as asas escondidas, arrimados a um bordão, muitas vezes, trilhando uma velha estrada pagã ou atravessando uma selva, ele encontrava um moço de inefável formosura, que lhe sorria e murmurava: Bons-dias, irmão Genebro!

A referência aos anjos retoma novamente aos tempos bíblicos em que os personagens interagiam constantemente com anjos, já que essa era a maneira de Deus se comunicar com os homens. São várias e constantes as aparições de anjos nas histórias bíblicas, como o anjo que expulsou Adão e Eva do Éden, o anjo que apareceu a Abrão e comunicou o nascimento de um filho, Isaque, ou ainda os anjos que socorreram Ló da cidade de Sodoma e Gomorra, antes desta ser incinerada; A aparição do anjo Gabriel que

anunciou o nascimento de Jesus, e, ainda outras durante todo o Novo Testamento. Contudo, a teofania (aparição de anjos) foi abandonado com a vinda de Cristo e o fechamento do Cânon Bíblico (os livros do Novo Testamento) segundo a doutrina cristã. Por isso, a época de Frei Genebro não havia mais a intervenção angelical, já que pertence ao período medieval depois de Cristo, sendo antes uma tentativa de enganar o leitor e criar uma atmosfera de mais santidade e exclusividade do Frei.

A natureza também coopera com a ilusão ao se apresentar idílica aos olhos do leitor. Quando Frei Genebro vai visitar o Ermitão Egídio, se depara com a cena de uma natureza sem pecado onde “era doce a larga sombra dos castanheiros e a relva que lhe refrescava os pés doridos. A meia encosta, numa rocha onde se esguedelhavam silvados, sussurrava e luzia um fio de água” (p. 2), que serve para matar a sede. Dali ele segue agradecendo a Deus por essa natureza e os seus bens exuberantes.

Ao chegar à casa do irmão Egídio descobre-se que o velho ermitão mora numa “choça rude” (p. 3), mais parecia uma caverna natural, pois era composta de um “telhado de colmo que lascas de pedra seguravam”, de maneira que a impressão que se tem é a de que o velho Egídio mora na natureza, a ponto de dormir no chão e se cobrir com as folhas (p. 3), e esse é o momento em que a natureza mostra a sua face mais selvagem, isto é, de um velho entregue a sua própria sorte e morrendo em uma caverna como um animal sem condições de caçar; no entanto, a situação se reverte de santidade já que o jejum prolongado faz parte da religião e alimenta a alma, mesmo que mate o corpo, uma clara alusão ao maniqueísmo praticado pelos monges medievais.

Já no final da vida de Genebro ele relembra uma mensagem de São Francisco em que é reforçado essa noção de espaço idealizado:

Contemplou (sic) o céu que clareava, escutou as andorinhas que, na frescura e silêncio, começavam a cantar sobre o beiral do telhado, e, sorrindo, recordou uma manhã, assim de silêncio e frescura, em que, andando com Francisco de Assis à beira do lago de Perusa, o mestre incomparável se detivera ante uma árvore cheia de pássaros e, fraternalmente, lhes recomendara que louvassem sempre o Senhor! ‘Meus irmãos, meus irmãos passarinhos, cantai bem o vosso Criador, que vos deu essa árvore para que nela habiteis, e toda esta limpa água para nela beber, e essas penas bem quentes para vos agasalharem, a vós e aos vossos filhinhos!’

E mesmo após a morte do Frei, o espaço celeste continua sendo tão divino quanto o terrestre. A morte de Genebro é descrita em analogia à de Lazaro, personagem de uma

história Bíblica contada por Jesus, o qual viveu em extrema miséria, jogado à porta de um homem rico, mas após a sua morte é carregado por anjos e levado em cortejo para o céu, o seio de Abraão (Lucas 16). Frei Genebro tem esse mesmo tratamento e se impressiona com o lugar para onde vai:

Era um espaço sem limite, sem contorno e sem cor. Por cima começava uma claridade, subindo espalhada à maneira duma aurora, cada vez mais branca, e mais luzente, e mais radiante, até que resplandecia num fulgor tão sublime que nela um sol coruscante seria como uma nódoa pardacenta (p. 6)

A natureza e a cidade, no entanto, podem ser cruéis e palco para as maiores selvagerias. A missão evangélica de Genebro se revela no cuidado com os que sofrem, não apenas fisicamente, mas também de consciência pela culpa, e no cuidado dos leprosos e bandidos. Durante o inverno, ele se compadecia dos mendigos e entregava sua túnica e suas alpercatas, e mesmo que os comerciantes e os abades lhe vestissem, ele acabava por entregar sua roupa ao primeiro esfarrapado que visse. Ele furtava a prataria da igreja para pagar as dívidas dos infelizes e pressionava os comerciantes e padeiros a dar comida aos que não tinham como comprar.

No entanto, a cena mais brutal é aquela em que Frei Genebro decepa a perna de um bacorinho para satisfazer a vontade do irmão Egídio. Nesse ponto, o espaço idílico é salpicado de sangue em um ato de extrema crueldade, o qual cobrará sua conta somente no juízo final.

Dessa forma, o tempo e espaço servem ao propósito de configurar o conto num ambiente místico e espiritual, onde os santos não comentem falhas. O leitor é conduzido a pensar que nesse lugar quase celestial tudo que é feito pelos santos homens pode ser perdoado, já que os atos nobres são mais importantes do que os deslizes.

2 - A DESFAÇATEZ DE UMA PERSONAGEM RELIGIOSA

Frei Genebro era um religioso, membro de uma das ordens mais respeitadas do século XI, a ordem dos Franciscanos. Genebro tornou-se um devoto discípulo de Francisco de Assis, o qual pregava o amor pela natureza como base fundamental da sua ordem. Francisco de Assis galgou um patamar de espiritualidade esotérica a tal ponto que ele conversava com os animais; como se verifica nas lembranças de Genebro de uma mensagem de São Francisco aos pássaros:

Meus irmãos, meus irmãos passarinhos, cantai bem o vosso Criador, que vos deu essa árvore para que nela habiteis, e toda esta limpa água para nela beber, e essas penas bem quentes para vos agasalharem, a vós e aos vossos filhinhos! (p. 6)

Genebro é descrito como o aluno que superou o mestre a tal ponto de que em “toda a Itália se louvava a santidade de Frei Genebro” (p. 2), uma vez que ele “completara a perfeição em todas as virtudes evangélicas”, (p. 2) de maneira que “já não temia o Tentador” devido aos vinte anos de claustro. Ele era ileso às tentações e podia resistir com o sacudir das mangas do hábito. A doutrina e a prática são dissociadas na vida do nobre Frei, pois ele começa a cair nos pecados que tanto acreditava ser capaz de resistir, sendo o capital, o próprio *orgulho*. Frei Genebro se enclausura 20 anos para vencer o Tentador, e ao final acredita que o fez, contudo na prática ele se tornou diabólico em cometer os maus tratos ao leitão. Ele acredita estar imitando o exemplo de Cristo que resistiu o Tentador depois de 40 dias e 40 noites em jejum e claustro, já Genebro passou 20 anos.

Frei Genebro é uma personagem complexa que se desenvolve e modifica ao longo do conto. No início são louvadas suas virtudes, apesar de implicitamente acusa-lo ironicamente de orgulhoso: “Na sua humilíssima humildade não se considerava nem o igual dum verme”, “Pela abundância e perpetuidade da Oração” (p. 2); em seguida é revelado sua crueldade para com os animais, que são considerados na sua ordem criaturas de Deus e merecedoras de respeito.

Segundo Candido, as personagens podem se agrupar em dois tipos, de acordo com a sua complexidade:

1) Como seres íntegros e facilmente delimitáveis, marcados duma vez por todas com certos traços que os caracterizam; 2) como seres complicados, que não se esgotam nos traços característicos, mas têm certos poços profundos, de onde pode jorrar a cada instante o desconhecido e o mistério. (PUC-RIO, p. 192)

Assim se comporta Frei Genebro, um poço profundo. Ora é capaz de operar ações de caridade para os seus semelhantes, ora pode protagonizar um gesto de crueldade que nunca mais será apagado ou perdoado na eternidade. Genebro faz parte do que é chamado de “*personagens redondas* (ou *esféricas*), em oposição às *planas*, são seres fictícios de alta complexidade.” (PUC-RIO, 2002, p. 197); esses personagens *evoluem* ao longo da

narrativa, em um processo de mudanças que segue do início ao fim do enredo, diante do apreciador da narrativa.

O ser angelical do início do conto se metamorfoseia em um animal selvagem espreitando um leitão indefeso. Tudo começa pela compaixão de Genebro pelo amigo enclausurado Egídio, o qual deseja ardentemente comer carne, mas pensa que isso pode ser um pecado. O Frei não apenas dissipa suas dúvidas, mas providencia a carne para o amigo. Genebro lembra que na vinda para a choupana do amigo encontrou com um porqueiro pastor que cuidava de um rebanho, mas que dormia profundamente. Frei Genebro ao ver o pastor dormindo “pensou nos lobos e lamentou o sono do pastor descuidado” (p. 2), mas agora ele se torna um lobo para devorar com requintes de crueldade o leitão. A investida de Genebro é descrita como um animal selvagem que ataca sua presa:

Arregaçando as mangas do hábito, e mais ligeiro que um gamo, porque era aquele um serviço do Senhor, correu pela colina, até aos densos castanheiros onde encontrara o rebanho de porcos. E aí, andando sorrateiramente de tronco para tronco, surpreendeu um bacorinho desgarrado que focava a bolota, desabou sobre ele e, enquanto lhe sufocava o focinho e os gritos, decepou, com dois golpes certos do podão, a perna por onde o agarrara. (p.4)

O Zoomorfismo também está presente no santo ermitão Egídio quando vê a carne assada, o qual “tremia e se babava de gula... com a sua voracidade e tão carnal apetite”. (p. 4). O fragmento serve para revelar a natureza selvagem em meio a toda a santidade descrita. O autor deixa claro que a intenção de Genebro era parecer com o Mestre Jesus, que não tinha um abrigo; além de descrevê-lo como alguém que vivia como “os bichos do mato”, que não tem um covil para se abrigar.

Frei Genebro também é cheio de paradoxo, já que faz o bem evangélico com recursos que o evangelho condena, como se vê na cena em que ele age, à moda Robin Wood, de roubar dos ricos para dar aos pobres, ou ainda roubar a igreja para sanar as dívidas dos infelizes,

Para remir servos que penavam sob um amo fero, penetrava nas igrejas, arrancava do altar os candelabros de prata, afirmando, jovialmente, que mais apraz a Deus uma alma liberta que uma tocha acesa. Cercado de viúvas, de crianças famintas, invadia as padarias, os açougues, até as tendas dos cambistas, e reclamava imperiosamente, em nome de Deus, a parte dos deserdados. (p. 5)

A lista de pecados do santo é enorme e envolve orgulho, extorsão (quando saqueia os comerciantes e quando não se importa com o pastor de porcos que terá que arcar com o prejuízo do bacorinho), mentira (mesmo que mentia santamente), falta de cuidado com o corpo e roubo. Todos esses pecados são escondidos atrás do hábito de Frei e as práticas caridosas que este fazia.

3 – A VERDADE ABAIXO DA PONTA DO ICEBERG

O conto é uma história, normalmente, curta (menor que um romance), em prosa, seja uma ficção ou a realidade (LIMA, 1958, p.12) no qual repousa verdades veladas, isso porque “um conto sempre conta duas histórias” (PIGLIA, 2004, p. 89). De acordo com Piglia, a história aparente e visível no conto não é a verdadeira, antes esconde outra abaixo da superfície, portanto,

A arte do contista consiste em saber cifrar a história 2 nos interstícios da história 1. Um relato visível esconde um relato secreto, narrado de um modo elíptico e fragmentário. O efeito de surpresa se produz quando o final da história secreta aparece na superfície. (PIGLIA, 2004, p. 89)

Ainda segundo Piglia em sua segunda tese sobre o conto, “a história secreta é a chave da forma do conto e de suas variantes” (PIGLIA, 2004, p. 90). Sendo assim, o leitor de contos só poderá afirmar que entendeu o texto se descobrir a história secreta. A autora lança mão da teoria do iceberg de Hemingway em que “o mais importante nunca se conta. A história é construída com o não-dito, com o subentendido e a alusão” (PIGLIA, p. 91). O conto de Eça, Frei Genebro, conduz o leitor nesse processo de esconder as reais atitudes e motivações do Frei, além de construir uma imagem que será revelada somente quando entra a ação.

A leitura do conto é moralizante, e realça, pelo menos 3 verdades. A primeira é que a religião pode esconder motivações erradas em práticas certas. O claustro é uma prática que visa a santidade do fiel católico e está inspirado nos longos retiros que os santos da Bíblia fizeram (como Moisés, Eliseu, Jesus, João Batista, Paulo). Contudo, Frei Genebro usou como ferramenta de orgulho próprio ao passar 20 anos, pois o resultado de tudo isso não causou a transformação esperada, já que ele cometerá pecados mais graves do que aqueles que não experimentaram dessa prática, como o porqueiro que dorme sossegado.

A religião, também, pode desculpar as práticas más por meio da operação de muitas boas obras, como se revela na atitude do Frei em conduzir pessoas pobres para saquear ou extorquir comida dos comerciantes, assim, a violência, o roubo e a extorsão e o orgulho são desculpados com as boas obras de alimentar e vestir os necessitados. Ainda, o ato de crueldade contra o animal e a indiferença com o porqueiro são perdoados pela obra de alimentar e saciar o desejo do moribundo irmão Egídio.

Contudo, a justiça divina ou a verdadeira religião não perdoa pequenas falhas mesmo tendo operado coisas grandes em nome do evangelho. Primeiramente, Genebro tem a visão de uma mão sobre ele, que entende ser a mão de Deus, mas não sabe ao certo tratar-se de juízo ou de misericórdia. O episódio lembra a mão misteriosa que apareceu no banquete de Belsazar, rei da babilônia, e escreveu a frase que somente Daniel pode decifrar: “MENE, MENE, TEQUEL E PARSIM” (Daniel 5:25-28) ou seja “MENE: Contou Deus o teu reino e deu cabo dele. TEQUEL: pesado foste na balança e achado em falta.” Quando Genebro morre, ele é conduzido para o paraíso, onde será julgado. A expectativa celeste é de que ele seja conduzido diretamente para o céu sem ter que passar pelo purgatório. A cena do julgamento não se parece cristã, antes se aparenta mais com a mitologia egípcia, em que dois pratos de balança são apresentados, e onde serão depositadas as boas e más obras da pessoa. Genebro vê o prato das boas obras descer de tantas boas obras, e os anjos se rejubilam com tanta obra. Até que o prato da injustiça começa a pesar por algo pequeno que cai nele, a ponto de ser mais pesado do que todas as obras de justiça de Genebro. Quando eles olham para dentro do prato está um bacorinho se esvaindo em sangue por causa de uma perna decepada, daí em diante a justiça é feita, e Genebro despenca para o purgatório.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Eça de Queiroz criou um personagem religioso capaz de revelar as contradições entre fé e prática que o hábito pretende ocultar. O conto do Frei Genebro, um santo católico medieval, discípulo de São Francisco, conseguindo, no entanto, superar o mestre em piedade, já que viveu em jejum por 20 anos. Contudo, a vida do santo não condiz com a sua pregação, como se percebe a partir da teoria da ponta do iceberg de Hemingway, que indica que o conto apresenta uma história que oculta uma verdade mais profunda. No caso do Frei Genebro, todos os recursos para descrever a natureza e o cenário medieval e

bíblico (em que os anjos ainda aparecem para os humanos), servem para ludibriar e tirar a atenção das reais ações do pseudo santo.

Os pecados do Frei são contados com a desculpa das boas intenções; há uma profunda e irresistível força no pecado, a ponto de seus atores se verem enganados e escravos de suas ações, e para compensar seus erros são praticadas “boas obras”. Frei Genebro não sente remorso em decepar a perna de um bacorinho para alimentar seu asceta companheiro; não julga errado roubar os ricos para dar aos pobres (mesmo que o oitavo mandamento proíba). O pecado tem uma força muito poderoso sobre os seres humanos.

O juízo final é uma ideia cristã muito difundida na Teologia, mas não é exclusivo dos cristãos, já que quase todas as religiões têm uma versão para ela. No conto queirosiano, o juízo final é descrito com elementos cristãos (anjos e inferno) e egípcios (dois pratos de uma balança). Mas no final, a verdade reaparece e indica que não adianta boas intenções nas ações, ou seja, boas intenções não reparam obras más. Toda pseudo piedade do Frei foi contrabalanceada pela perna do bacorinho.

REFERÊNCIAS:

BÍBLIA SAGRADA. **Tradução de João Ferreira de Almeida**. 2ª Ed. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

LIMA, Alceu Amoroso. **A evolução do conto no Brasil**. in: Curso de conto, Rio: A.B.L. 1958

MOISÉS, Massaud. **A criação Literária**. São Paulo: Melhoramentos, 1967.

PIGLIA, Ricardo. **Formas breves**. São Paulo: Companhia das letras, 2004

PROPP, Vladimir L. **Morfologia do conto maravilhoso**. São Paulo: Forense Universitária, 2001, disponível em

< <http://www.historias.interativas.nom.br/lilith/aula/leitura/vladimirpropp.pdf>> acesso em dezembro de 2014.

PUC – RIO. **As personagens**. Disponível em < https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/9582/9582_7.PDF> acesso em 2018

QUEIRÓS, Eça. **Frei Genebro**. Belém: NEAD - Núcleo de Educação a distância. 2002 disponível em <http://www.portugues.seed.pr.gov.br/arquivos/File/leit_online/eca10.pdf> Acesso em agosto de 2018.